

ITAN ÈSÙ

COMO ESÙ VEIO À TERRA E RETORNOU AO ALÉM (Òrún)

No principio dos tempos, Olódùmarè começando originar os seres Divinos (os Irunmòlè), primeiramente criou Òrunmila e Iyebiru (Òshún), posteriormente criou Elegbara-Esù, que possuía mais e mais força descomunal, e começara dar muito trabalho à Olódùmarè. Assim Olódùmarè o ocupou, colocando-o como sentinela de sua moradia, a fim de guardar os portões do Òrún, e às vezes o enviava como seu melhor representante para fazer seus trabalhos imperativos, tudo na finalidade dele não ficar parado e se tornar ameaçador. O tempo passou e passou, muitos acontecimentos diferenciados sucederam entre o Orun e o Aiye. Até que um dia Òrunmila consultando o Ifá (oráculo), apareceu a combinação do Odù Ogbe-Walé, com o qual decifrara o nascimento de uma criança vindo do Além para Terra. Naquele momento Òrunmila foi tomado por um desejo enorme de possuir um filho (descendente). Foi então, que resolvido, foi pedir um primogênito à Olódùmarè. Olódùmarè lhe disse; que no momento ainda não era propício e, lhe pediu que voltasse mais tarde. Òrunmila meio intransigente insistiu, impacientando-se quase obrigando Olódùmarè à lhe dar um filho, a qualquer preço, a fim de levá-lo consigo para o Aiye (existência). Olódùmarè tornou-lhe a dizer que o momento não era propício e, que tinha uma tarefa para ele realizar na terra, a qual daria início na estruturação e orientação em meio a raça humana, que ainda estava para ser criada. Ainda insistindo, Òrunmila lhe disse; mas, eu preciso de um filho! E, quem é aquele que vi na entrada de seus portões? Pois, é aquele mesmo que eu desejo possu[í-lo! Olódùmarè explicando, disse; que aquele Ser que está na fronteira do Òrún (entre o espaço físico e o além), não era exatamente um Ser que pudesse ser mimado e criado na terra, porque ainda não o aprimorei para tal coisa. Neste momento, Òrunmila se pos a insistir tanto, que Olodumare terminou concordando e permitindo, dizendo à Òrunmilà; Escute bem! Esù é o meu terceiro filho (Igbaketa), ele é um protótipo dos seres humanos aqui no Òrún, agora por sua grande insistência, Esù passará à ser o seu primogênito na Terra, através de ti e sua companheira Iyebirù (Òdu-Logboje). Dessa forma acontecerá o nascimento do seu almejado filho, isto é, da mesma maneira que futuramente darão origem aos seres humanos. E, a esta ocasião de "união" com tua companheira, denominar-se-a Òdudùwà (uma união de acoplamento das polaridades), tal qual será representada através de uma Grande Cabaça, que será o símbolo do fabuloso universo e, ambos serão cultuados simultaneamente, como se fossem uma só Divindade. Dessa forma, futuramente os seres humanos seus filhos, iram cultuá-los no Aiye. Quanto à parte inferior desta grande cabaça simbolizará toda a crosta terrestre do Planeta, representando a sua companheira Iyèbiirù, desposada por ti Òrunmila. Por ela ser uma parte de mim, é a possuidora de grandes poderes sobrenaturais, presidindo a fertilidade como fonte geradora de vida e proteção, será ela também quem amparará os seus próprios filhos, servindo de base aos pés de todos deles, isso, por ser ela uma "grande mãe" com total fertilidade e riqueza terrena, conseqüentemente, estará sempre úmida por sua grande quantidade de água, a qual por todas as grandezas que já outorguei à sua esposa, será ela chamada sobre o Mar de Agba-Olokun (Rainha Ancestral proprietária de todas as águas), enquanto no olho do rio será chamada de Òsún, no Ar será chamada de Eleye (proprietária dos Pássaros e seus encantos), e dona da noite, isso porque o pássaro será o símbolo do poder feminino que lhe conferi. Na Terra será chamada de Erinlé, Iya-Aye, Onilè, Iyalálè (Proprietária de toda extensão e profundidade da terra). Agora, por Ela ser a grande proprietária do pote cheio de Ikins e, dona das 04 matérias originais, ela será chamada de Òdu Òduwá ou Òdulogbojé (fonte existencial), com as tais matérias os seres terrenos serão criados com individualidade através das mesmas, de forma que no sucumbir da Vida, será ela mesma, como Onilè, é quem guardará os restos mortais de seus próprios filhos que falecerem. Com o nome Olokun, guardará no mar todos os espíritos dos filhos que falecerem na terra. Porém, à ti Òrunmila, equivalente à sua esposa, a parte superior da Cabaça é a que melhor lhe cabe, parte que representará as alturas, o céu atmosférico, a sua superioridade em qualquer culto e o conhecimento de toda a natureza, física e espiritual. Nessa parte superior e iluminada durante o Dia, iluminará à todos através da grande bola de fogo (Sol), o mantenedor da vida. Assim, por sua parte iluminada, branca, também representará o seu poder seminal, como

fecundador masculino, criador e realizador de qualquer coisa que queiram. Serás tu, Òrunmila, quem se expandirá sobre as cabeças de todos os seus filhos através do firmamento, sobrepujando a tua contraparte, Ìyálè, a essa imensidão celestial, será simbolizada por um grande Alà (Pano Branco), pairado sobre a Terra em forma de nuvens. Por vocês serem as duas existências primordiais e absolutas, sua esposa como mãe de Èsú será chamada de Iyebiru Aya'nlà. Assim, com esta união das partes, a Cabaça será o elemento de unificação dos poderes Divinos (feminino e masculino), tal qual representará o mundo físico e o mundo espiritual, o útero portador do líquido fértil, capturador do sêmen fecundador. Esta cabaça, com essa dualidade, conterà também os mistérios do universo, da vida e da morte, o nascer do dia e do crepúsculo, os hemisférios Lestes, Oeste, Sul e Norte, todo tipo de expansão e contração, o poder da luz e treva, o poder sobrenatural e o seu conhecimento. E, ainda mais, a cada cabeça física/espiritual de seus filhos, os quais utilizaram uma Cabaça para assentar e cultivar individualmente ORÌ-INU (Cabeça do Dublê Espiritual), como o símbolo da individualidade e descendência, tudo isso, como reverencia aos seus poderes de amparo/estrutura/proteção/iluminação. Irê ooo, Tó!

Logo após todas as determinações, Olódùmarè ainda disse à Òrunmila que ele deveria colocar as próprias mãos sobre aquele Ser que Ele mesmo o tinha apelidado de Esù (eixo ou esfera giratória), e em seguida que fosse logo para terra, a fim de executar o que estava incumbido, mas, primeiramente devia procurar a sua companheira Iyebirù (Iyaami), que já se encontrara materializada em Ilé (terra), a fim de com ela desposar e ter o seu tão almejado filho. E ao passar dos 09 meses, ela conceberia um Ser físico (filho homem), mas com uma condição, que o nomeasse de Alágbàrà – (Aquele que possui Poder Sobrenatural) tendo noção de quem se tratava de fato. Desde então, nove meses se passaram, até que chegou o dia que Iyebirù deu à luz à uma criança do sexo masculino, mas pelo fato de Olódùmarè lhe dizer que a criança deveria ser chamada de Alágbàrà, Òrunmila contestando decretou que não chamaria o seu filho de Alágbàrà, e sim de Élégbàrà. E assim, Òrunmila pela primeira vez pronunciou o nome de seu filho homem, chamando-o de Élégbàrà (Aquele que é proprietário do poder descomunal, sobrenatural), o mesmo respondeu dizendo:

Mãe! Eu quero comer preás.

A mãe respondeu: Filho coma, coma. Um filho é precioso como contas de corais carmim existentes no Mar.

Um filho é precioso como o cobre vermelho.

Um filho é precioso como a felicidade que jamais deve acabar.

Um filho é como uma honra apresentável.

Que nos representará depois de nossa morte.

Òrunmila, o nosso filho deseja comer!”

Então, Òrunmila foi caçar.

Orunmila caçou e caçou, retornando com todos os tipos de roedores que encontrara pela frente. Elegbara devorou todas eles.

No dia seguinte, a mesma cena se repetiu, com Elegbara pedindo peixes, em seguida ele devorou todos os tipos de peixes que existiam na face da terra.

No terceiro dia, Elegbara pediu para comer aves, e assim as devorou acabando com todas as espécies de aves existentes.

Sua mãe Iyebiirù, com toda calma que possuía, enquanto isso entoava cânticos de conformação, dia a dia, acrescentando ao cântico citado acima:

Agora percebo que dei a luz à um filho,

Um filho que acorda usando duzentas vestimentas diferentes e, que é insaciável.

Iyeburu disse; Filho continue a comer, coma meu filho!

No quarto dia Élégbàra gritou, pedindo para comer carnes.

Sua doce mãe, cantou como de costume. Então, Òrunmila caçou todos os animais quadrúpedes que pode encontrar: bodes, tatus, gambás, porcos, carneiros, ovelhas, cabras, todos os tipos de felinos, cães, cavalos, búfalos, touros, vacas, mamutes, rinocerontes, antílopes, antas, hipopótamos, elefantes, girafas, e até todos os répteis etc. Elegbara devorou tudo, não deixando um só animal na face da terra, mas, ele não parou de gritar e, chorando muito no quinto dia disse:

Mãe, mãe.

Ainda estou com muita fome, eu quero comê-la!

Sua mãe repetindo a sua doce canção, disse; Filho coma, coma meu filho!

Neste momento, Élégbàra atirou-se violentamente em cima de sua própria mãe, e a devorou sem um pingo de ressentimento, engolindo-a inteiramente, devido ao seu tamanho gigantesco e força descomunal. Ao saber do ocorrido, Òrunmila, em seu tremendo pavor, correu para consultar o Ifà, o qual aconselhou à fazer uma grande oferenda ao próprio filho Élégbàra, oferenda esta constituída de:

- Um Adà (facção) - (símbolo fragmentador, multiplicador)
- Um Obuko (bode jovem, possuindo chifres bem grandes) - (símbolo de força e tenacidade)
- Aashà Pupo (bastante fumo de rolo) - (símbolo de devolução).
- Quatorze mil búzios em penca.

Òrunmila seguiu corretamente o que Ifà recomendara.

No sexto dia, após o nascimento de Elegbara, Òrunmila preparava o grande sacrifício, quando Élégbàra apareceu dizendo:

Pai, eu estou com muita fome!

Pai, pai, eu quero comê-lo!

Então, Òrunmila pôs-se a cantar a mesma canção da mãe de Élégbàra, atraindo-o para ele, no momento que Elegbara chegou bem perto para devorá-lo, Òrunmila empurrou todo o sacrifício para dentro da boca de Elegbara, que não recusando, devorou tudo deixando de engolir apenas o Ada (o

grande facção). Òrunmila irredutível, rapidamente travou uma grande luta com o seu filho Elegbara, a fim de não ser engolido, no momento exato, Òrunmila se deu por conta do facção que estava na sua frente, o qual Elegbara não quisera engolir, então Òrunmila apanhou o facção e lançou-se em perseguição de Elegbara, com o facção em sua mão. Elegbara fugiu, mas Òrunmila o alcançou, quando dividiu Elegbara ao meio, que se refez extraordinariamente e se quadriplicou, depois com mais e mais golpes de facção, Orunmila foi picando Elegbara, e cada pedaço se multiplicava por todo Ode-Òrún (na terra, que é o nosso primeiro céu), os pedaços de Elegbara foram voltando a sua forma original de matéria prima (Yangi), transformando-se em pedregulhos avermelhados e lamacentos. Quando Òrunmila parou, o que restou de Élégbàra ergueu-se e tornou a fugir, Òrunmila só pôde alcançá-lo no Òrun (no espaço), onde Elegbara já estava inteiro novamente. Òrunmila tornou a cortá-lo em vários pedaços, os quais também se transformaram em Yangi. Isto foi repetindo e se repetindo nos nove Òrún. Depois de Elegbara ter sido retalhado por várias vezes, pois só no 9º Òrún, Élegbara resolveu fazer um pacto com o seu Pai Òrunmila, dizendo; que ele não deveria mais persegui-lo, pois todos os pedaços de Yangi que se multiplicou na Terra e nos oito "Céus", seriam a sua representação na terra, e Òrunmila poderia consultá-lo tanto na terra quanto nos oito espaços no além, e também se houvesse necessidade de enviá-lo para executar qualquer coisa que fosse ordenado, ele faria imediatamente. Porque todas as partes de Yangi constituíam-se em seu único corpo, sem qualquer distinção, e sem qualquer tipo de atributos e nomenclaturas diferenciadas. Todos aqueles pedaços de Yangi faziam parte do um único corpo e, a única forma plena de conexão consigo, Élégbàra, pois ele próprio responderia cada vez que fosse chamado através de uma daquelas pedras Yangi, porque todos os pedaços eram fragmentos do único filho de Òrunmila e Iyebiirù. (**).

Seguidamente, Òrunmila perguntou por sua esposa, ou seja, a própria mãe que Elegbara havia engolido na terra. Então, no mesmo instante, Élégbàra começou a titubear e vomitar devido aos efeitos do Aasà, o fumo-de-rolô, o qual Ele engolira ainda na terra ao devorar o Ebó (sacrifício) reivindicado por Ifá. De repente Elegbara vomitou a própria mãe, devolvendo-a ao Pai, e acrescentou que Òrunmila deveria chamá-lo e sucessivamente ofertá-lo "fumo de rolo", sempre em meio outras coisas (Èbó's), isso, a fim de recuperar todos os animais, aves, peixes, búzios (dinheiro ancestral ou riquezas), e tudo mais que ele recebesse sobre a Terra, e ainda disse mais; Que Ele mesmo (Èsù) assistiria também, todos os rituais realizados pelas mãos da humanidade, através dos seus filhos Babalawos.

Nota: Devido ao sacrifício que Òrunmila executou, Elegbara (èshú) lhe devolveu tudo, até a sua própria mãe. Por isso, toda oferenda deve ser primordialmente como uma carta escrita, executada sempre por meios de livre vontade (espontaneamente), sem que ninguém force à outro alguém fazê-la, pois só assim se torna possível obter a restituição do que for oferecido à Èsú, sobre tudo aquilo que for oferecido e também pago com satisfação pelo sacrifício executado, através do sacerdote. Ou seja, Èsù devolveria tudo àquilo que não lhe pertence, nem mesmo pertence a nós, mas sim à própria natureza.

No conceito da literatura Ifá, Odù-Ifá, o efeito da restituição (devolução) é surpreendente, por que nos realinha e nos reabilita com as fontes de força vital no universo, espiritual e físico. Dessa forma, quando devemos nos limpar e devolver para a natureza, tudo a aquilo que usamos e tomamos indevidamente, e a natureza nos retribuirá para uma melhor qualidade de vida melhor na Terra. De tal forma, que jamais teremos nossa vida danificada. Pois a função da restituição é restabelece o equilíbrio entre o ser humano e as forças sobrenaturais. Ou seja, devolver ao nível anterior de tudo. Assim, a vida nunca irá se revoltar contra quem lhe devolve o que come, bebe, colhe, pesca, caça, ganha, vive ou utiliza aqui na terra. Se assim não for, uma hora ou dia, perderá tudo...

Agora, podemos perceber, que tudo que existe no mundo não nos pertence, pois aqui é somente uma passagem, sabendo que até a matéria que forma os nossos próprios corpos, é emprestada. Sendo assim, ela voltará para a o seu devido lugar (terra), de uma forma ou outra, cedo ou tarde, em um tipo de devolução à quem é de direito. Perante a isso, se torna essencial executarmos os nossos rituais de restituição, sacrifícios, através de ritos, orações, cânticos e danças, agradecimentos, mas sempre de forma muito espontânea e prazerosa, na finalidade de haver um restabelecimento, reequilíbrio, apaziguamento, harmonia, fertilidade, fecundidade, prosperidade, riqueza, vitória, honra, saúde, felicidade, desenvolvimento, avanço, crescimento, ganhos, multiplicação e bênçãos em todos os aspectos e níveis. Por isso devemos transformar as nossas oferendas em um símbolo de fecundidade, transmissão e obtenção de Àsè, sobre tudo aquilo que desejamos para nossa realização na vida, muitas vezes com bastante empenho até que cheguemos onde desejamos.

Nota: Este Itan acima narra enigmaticamente que Orunmila é o Pai constitucional de Èsú, e Iyebiru (òshún) é a sua Mãe que lhe supre (completa) de todas as formas, mantendo-lhe com o poder sobrenatural e descomunal.

Ire oooo!

Boa sorte à todos, obrigado por tudo!!!